

O feminino em nós, uma experiência interminável¹

Cleuza Mara Lourenço Perrini,² Curitiba

Resumo: Com base em reverberações dos elementos comumente atribuídos ao feminino – conter, intuir, mediar e proteger –, a autora aborda fatores ligados ao continente feminino (♀) e à sua função. Sugere que o continente vivido pela experiência mãe-bebê inscreve psiquicamente elementos de amparo/desamparo e necessidade/dependência, fortemente sujeitos a aceitação e/ou rejeição. Observa que é recorrente na clínica a valorização da ação, do fazer, do conteúdo (♂), próprio da função masculina, o que prejudica o possível encontro criativo entre os dois. Constata em Bion uma preocupação com esse aspecto, quando ele diz que, nos eventos do consultório, antes que ♀♂ possa funcionar, é necessário encontrar o continente (♀). Por meio de material clínico, mostra que encontrar o continente pode ser o trabalho do feminino a ser realizado, com todas as intempéries que tal movimento exige, sempre dinâmico, interminável e renovável, um eterno vir-a-ser. Palavras-chave: feminino, desamparo, interminável, continente, identificação primária

Adler colocou em uso, para o homem, a apropriada designação de “protesto masculino”; mas penso que “rejeição da feminilidade”, desde o início, teria sido a caracterização exata desse traço notável da psique humana.

SIGMUND FREUD, “Análise terminável e interminável”

O título e a epígrafe deste trabalho expressam meus pensamentos, com base nas reverberações surgidas em mim sobre os elementos comumente

- 1 Trabalho apresentado em reunião científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), no dia 23 de novembro de 2019.
- 2 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Membro fundador, efetivo e com função didática do Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC).

atribuídos ao feminino, como conter, intuir, mediar e proteger. Um dos últimos escritos de Freud, “Análise terminável e interminável” (1937/2018), me estimulou a refletir sobre o ponto em comum vivido pelo homem e pela mulher, não obstante a diferença dos sexos, da rejeição da feminilidade, expressa na mulher pela inveja do pênis e no homem pelo temor de ser passivo frente a outro homem.

O fato que salta aos olhos é que Freud incluiu a rejeição da feminilidade como uma atitude psíquica de negação da diferença dos sexos, como o maior obstáculo para o fim de uma análise bem-sucedida, por conter forte fator de resistência do ser humano a se submeter a outrem, pai e analista, para não se sentir em dívida. Advertiu ainda que, mais do que considerar uma análise como um processo sem fim, e mais do que encurtá-la, devemos cogitar o seu aprofundamento.

Passei a observar que é recorrente na clínica a valorização da ação, do fazer, do conteúdo (♂), próprio da função masculina, e não do ser, do continente (♀), o que prejudica o possível encontro criativo entre os dois. Bion contempla essa preocupação quando diz que, “nos eventos do consultório, antes que ♀♂ possa funcionar, é necessário encontrarmos o continente (♀)” (1963/2004, p. 53). Também me inspirei em Winnicott, que afirmou: “O elemento masculino *faz*, ao passo que o elemento feminino (em homens e mulheres) *é*, [sendo ambos vividos nas identificações primárias com a mãe, em que se] estabelece a experiência de *ser*” (1953/1975, p. 115).

Freud adotou como pilar de sua teoria o monismo sexual fálico, isto é, o pênis como centro, e tê-lo ou não tê-lo como sua premissa. Mesmo com a proposta de Klein de considerar que temos um “conhecimento inconsciente da vagina e do útero” (citada por Birksted-Breen, 1996, p. 99), o falocentrismo permaneceu como elemento principal.

André (1996) sugere que o primado do falo, longe de promover a aceitação da diferença dos sexos, concorre para a sua negação. No entanto, quando Freud abordou a rejeição da feminilidade no homem e na mulher, forneceu um caminho para levar em conta questões psíquicas que tenho vivido na clínica. Embora ele tenha considerado que essa rejeição não era “outra coisa senão um fato biológico, uma parte do grande enigma da sexualidade” (Freud, 1937/2018, p. 325), ao introduzir o enigma da sexualidade, abriu as portas para a bissexualidade psíquica, como mostrou em carta a Fliess (Freud, 1996) e retomou no *Manuscrito inédito de 1931* (Freud, 2017), ao afirmar que todo tipo de equilíbrio depende, por um lado, da extensão do masculino e do feminino inato e, por outro, da dimensão do vivido nas relações parentais.

No decorrer deste trabalho, enfatizo a presença da bissexualidade psíquica frente ao pensar monista sexual fálico – no que tange à mulher, a inveja do pênis como expressão da descrença de que ela possa ser potente

○ feminino em nós, uma experiência interminável

e conter um espaço interno fértil e vitalizante; no que tange ao homem, a não submissão a outrem como expressão primitiva de que ser receptivo é sinônimo de desvalia e impotência.

Afinal, o que se rejeita?

Num certo sentido, todos os homens começaram por ser uma mulher.

A mulher grávida não difere do seu filho senão já tarde.

*E o filho apenas muito depois se apercebe de algum desajuste
entre o seu corpo e o que o circunda.*

VALTER HUGO MÃE, *A desumanização*

As primeiras experiências da vida, presentes desde o nascimento, são sensoriais e estéticas. Posteriormente, são acrescidas e investidas de significados pessoais próprios. Caso contrário, ficariam empobrecidas, limitadas ao sensorial. Se considerarmos que a primeira inscrição psíquica, primária e arcaica, advém do nosso vir ao mundo, após a cesura do nascimento, que contém em si o trauma da separação e, em seguida, o acolhimento materno, poderemos tecer conjecturas com base nessa primeira vivência como humanos ou na busca de ser humanos. Essas experiências iniciais serão integradas e investidas de significado no relacionamento com os objetos, para desenvolver o psiquismo capaz de pensar e experimentar emoções.

A primeira experiência com a mãe, ou com quem exerce a função materna, inscreve em nós, psiquicamente, a experiência emocional de amparo/desamparo, acolhimento/dependência e completude/incompletude. Essa vivência faz parte do elemento feminino *fundante do psiquismo* e/ou do *registro originário do psiquismo*, termos usados por diversos autores, como Birman (2001), Carneiro e Lazzarini (2016), Paim Filho e Quadros (2008) e Wolff (2009).

Stoller sugere que “o estágio mais inicial não é o de masculinidade, mas sim o de profeminilidade, [por ser] uma condição induzida pela fusão que ocorre na simbiose mãe-bebê” (1985, p. 242). Winnicott (1953/1975) considera o *elemento feminino puro* como organizador da noção de tornar-se si mesmo. Klein, por sua vez, descreve a *fase da feminilidade*, ligada à *posição feminina arcaica*, vivida tanto pelo menino quanto pela menina, porque ambos se voltam para a mãe como objeto amoroso; assim, “a fase da feminilidade se caracteriza pela ansiedade relacionada ao útero e ao pênis” (1928/1996b, p. 220).

Os “bebês” desses autores conversam entre si enquanto indiferenciados da imagem da mãe arcaica. Esse elemento feminino inerente à condição de sujeito psíquico receptivo nos inscreve, indelevelmente, como seres humanos

incompletos. Valter Hugo Mãe, na epígrafe deste tópico, sugere que “todos os homens começaram por ser uma mulher”. Penso que ele, mais do que enfatizar as questões de gênero, intui a parte feminina da mente como fundante do psiquismo.

Essa primeira investida com a mãe continente é condizente com as emoções primordialmente vividas, base para as futuras relações do bebê nessa imprescindível, compulsória e indiscriminada primeira relação, quando orienta sua libido em direção a uma vivência de satisfação na busca por atrair um objeto que identifique seu desamparo e sacie sua necessidade. Ferenczi sublinha que “a criança só gosta da saciedade porque aplaca a fome que a tortura” (1908-1912/2011, p. 96). O bebê fica à mercê da potente proteção materna, mas também de uma mãe vulnerável, que igualmente necessita de amparo, junto com seu bebê. Essa experiência vivida – tanto pelo bebê menino quanto pela bebê menina frente a uma qualidade e quantidade de provisão ambiental – pode atender a dependência ou fracassar e culminar em uma internalização do feminino visto como extrema carência/dependência. O bebê necessita de acompanhamento, que varia na intensidade para mais ou para menos. Esse fato muitas vezes é registrado como falta, o que promove emoções de mágoa e desvalia, e assim “o bebê tem de se desenvolver sem a capacidade de ser, ou com uma capacidade mutilada de ser” (Winnicott, 1953/1975, p. 116).

A mãe que provê, às voltas com emoções de amor e ódio, pois a carência do bebê revela a sua própria carência, pode prepará-lo para a experiência de ambivalência e, com isso, permitir “à criança pequena ter mais confiança nos seus objetos reais e, conseqüentemente, nos seus objetos internalizados” (Klein, 1935/1996a, p. 328). Estes ficam ancorados na fantasia onipotente do bebê de um seio criado por ele, que jorra ininterruptamente o leite, como defesa perante a sujeição a uma mãe insubstituível (Klein, 1940/1996c). A vivência narcísica do amor à saciedade traz em seu bojo a indigência, a necessidade que inaugura o desamparo, em que a privação inibe e/ou estimula a busca. É necessária certa dose de atividade para alcançar uma meta receptiva, alerta Freud (1933/2010), e o anseio pelo objeto, identificado primariamente, implica dependência a ele. Se essa dependência for amorosa, poderá ser criadora, pois mobiliza a reparação e a preservação do objeto interno. Caso contrário, a dependência poderá ficar centrada na falta, promotora de ressentimentos, muitas vezes expressa por inúmeras “ações”, pelo fato de o bebê ter se sentido lesado da presença de um seio que é (feminino), acuado pelo seio que faz (masculino).

Essas vivências contribuem para a rejeição do feminino em nós, vivências que são inscritas na psique como amparo/desamparo/carência, com seus componentes inerentes de sujeição, insuficiência e abandono. Não aceitar esses

○ feminino em nós, uma experiência interminável

componentes como integrantes do continente feminino parece fazer parte da manutenção idealizada de uma mãe ambiente que tudo provê.

Ao desenvolver estas ideias, centrada no trabalho do feminino em nós, procuro distinguir a função feminina da qualidade do feminino (feminilidade), considerando a vivência com a alteridade o fator originário do ser, com todas as intempéries que o encontro analítico mobiliza.

A clínica: da recusa à aceitação, do aceitar ao receber

Temos procurado nos salvar, mas sem usar a palavra salvação para não nos envergonharmos de ser inocentes. Não temos usado a palavra amor para não termos de reconhecer sua contextura de ódio, de amor, de ciúme e de tantos contraditórios. Temos mantido em segredo a nossa morte para tornar nossa vida possível.

CLARICE LISPECTOR, *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*

Luiz chegou com aparência de bem resolvido. Demonstrava saber o que queria. Procurou a análise porque sentia faltar algo que ele não conseguia encontrar e porque temia “ser descoberto”. No transcórre da análise, pudemos ver que se ressentia de não ter retorno financeiro à altura, mesmo tendo reconhecimento profissional. Seu verdadeiro terror era ser uma farsa. Isso apareceu quando conseguiu me contar que tinha agredido a namorada, o que culminou no término do relacionamento. Seus arroubos destemperados e violentos eram sempre justificados por ser comumente generoso e batalhador, um defensor dos pobres e desfavorecidos.

Entregar-se e integrar-se têm um componente em comum que supõe a presença da incompletude e a busca do outro para ser inteiro. A entrega, vivência própria do feminino, pode ser de busca quando se mantém o eu necessitado de complemento. O risco é estancar a dor e negar essas emoções, pagando-se um preço alto. Luiz pagava! Juntos, fomos gradativamente nos entregando à análise, criando um espaço para a integração de partes de sua personalidade até então cindidas.

Entre o terceiro e o quarto ano de análise, Luiz se assustou ao falar sobre suas brincadeiras frequentes no vestiário masculino do clube, pois achava que poderiam ser uma busca de afirmação viril por pura insegurança. Nessa época estávamos mais próximos de sua sensível afetividade, até então camuflada. Foi um período rico de aproximações, de grande turbulência emocional, que ele chamava de conspiração contra o seu ser: “Não estou gostando do que estou conhecendo sobre mim”. Ele sofria. Esse período foi precedido de questionamentos quanto à viabilidade de continuar a análise, com alegada falta de

tempo. Em paralelo, ficava surpreso por estar se relacionando melhor com a atual namorada, até mesmo pensando em morar com ela, por seu trabalho estar rendendo e por ele estar ganhando melhor.

Quando a dor é evitada, recusada, isso impede o prazer do fruto criado. Luiz se policiava controlando sua violência, mas o temor era da sua própria capacidade. O terror de ser sem-limite, para ele, anunciava a incerteza da medida de um continente que mais abriga do que desampara. Em certa ocasião, observa: “Eu não podia deixar escapar minha fraqueza” – e depois de um breve silêncio – “minha fragilidade”.

Sinto nesse momento que ele diz, sofredamente, ter necessidade de contar com o outro, demonstrando remeter a emoções em que o luto da mãe ficou comprometido no âmbito da desvantagem e da humilhação. Quando lhe digo que parece estar “sentido”, afirma que faz sentido ele estar sentido. Conversamos sobre o fato de o luto passar a ser o da sua onipotência, pois agora aparece a sua carência, sem o aprumo, seu jeito habitual de ser.

O medo, como aponta Clarice Lispector na epígrafe, pode ser o de não usarmos a palavra amor “para não termos de reconhecer sua contextura de ódio, de amor, de ciúme e de tantos contraditórios”. Da mesma forma, a indiferença e o desprezo de Luiz, presentes nas sessões, podem ser angústias disfarçadas e receio de falar sobre o que realmente importa. Por exemplo, sua inquietação de estar vinculado a mim e a possibilidade de viver uma relação amorosa, aceitá-la e recebê-la, ativamente, desmistificando-a das noções de subserviência e submissão.

Mobilizada pela clínica, na busca de como se constitui o continente feminino fundante do ser, penso que o espaço interno viabiliza a saída do subjetivo para vir a ser um continente com abertura, se não for destruído ou idealizado. Luiz protesta contra sua “fraqueza” até se aceitar como frágil, vulnerável e aberto a novas perspectivas.

A proteção e o desabrigo das primeiras identificações podem, muitas vezes, ser expressos em retraimento, intimidação e temor ao receber, como revela Luiz, os quais se manifestam independentemente de sermos homens ou mulheres. “O fracasso generalizado em reconhecer a dependência absoluta no início contribui para o temor à mulher no qual tomam parte tanto homens quanto mulheres” (Winnicott, 1959/2000, p. 404).

Reitero que as considerações apresentadas não procuram abordar a pessoa da mulher. A sugestão é para observar que o que se teme é a subordinação, associada à primeira experiência de acolhimento/dependência, próprio do feminino vivido e recusado em nós.

Bick afirma que as flutuações desse estado primordial advêm da diferença entre a “não integração, enquanto experiência passiva de total desamparo, e a desintegração, que se dá através dos processos de cisão” (1967/1990, p. 195).

Deparar-se com a exiguidade favorece a constatação onipotente de que algo lhe foi negado. Esse sentimento fortalece o papel de vítima, não necessariamente real, mas talvez alucinado, como nas transformações vividas por Luiz comigo, que as atribuiu à passividade, a qual se tornou sua porta-bandeira de ressentimentos. Essa vulnerabilidade foi registrada como centro vazio de uma falta que gerou um rosário de queixas capaz de satisfazer a urgência que o próprio vazio originou.

Podemos mensurar como é difícil internalizar o espaço interno, por ser invisível (próprio do feminino), quando identificado com vivências e fantasias temidas. Esse movimento corrobora pensarmos que o continente, que é oculto, pode ser facilmente rejeitado. Localizo isso também em Freud, quando diz que a vagina é um “estimado abrigo para o pênis” (1923/2012, p. 175); diante da necessidade de acolhimento e dependendo das emoções a que o “ser acolhido” remeta, a vagina, mais do que desejada, pode ser temida. No entanto, convém salientar que o feminino não é simplesmente sinônimo de abrigo. Quando o feminino em nós, em sua potência intrínseca, aceita o oculto “espaço interno”, propicia a vida mental intersubjetiva.

Só assim poderá haver o embrião da vida mental, como Bion (1963/2004) preconiza, com interação entre o feminino (♀) e o masculino (♂) na mente, ao transformar o até então conteúdo (ocorrido na relação) em continente-contido (♀♂).

Considerações finais

Observo ser comum pensar os limites do feminino – amparo, contenção e proteção – como os únicos elementos esperados da função feminina (maternagem). No entanto, seus pares antitéticos – desamparo, desproteção e abandono – compõem esse fenômeno em uma dinâmica dialética interminável, que, quando aceita, favorece a contenção do novo, do espanto incerto e insuspeito, “conduz ao ser e constitui a única base para a autodescoberta e para o sentimento de existir, e depois à capacidade de desenvolver um interior, de ser um continente” (Winnicott, 1953/1975, p. 117). Sem continente constituído, não há vida mental. Ele a delimita para dar conta do ser. Encontrá-lo pode ser o trabalho do feminino a ser realizado para descobrir e/ou constituir o continente (♀), espaço interno – próprio do feminino –, com todas as intempéries que tal movimento exige, sempre dinâmico e renovável, um eterno vir-a-ser.

Luiz, identificado com a falta, rejeitava sua parte feminina, atacando e se defendendo. O ser um homem bruto, como se descrevia, era fruto de uma paixão narcísica encorajada pelo temor de ser invadido pelo outro (estupro), pois, na ausência de um espaço interno continente, era incapaz de penetração

consentida. O feminino em Luiz ficava enterrado, sem viabilidade de descoberta interior – impossibilitado de exercer uma bissexualidade psíquica mais integrada –, o que favorecia a desmedida (*hybris*, orgulho) em prejuízo de uma medida apropriada (sua/própria). Muitas vezes iludido com sua virilidade, defronta-se agora com as incertezas, abraçando sua vulnerabilidade. Este é um exercício do feminino em nós: ser potente sem conferir dominação nem submissão, com capacidade de contenção e discernimento para receber e aceitar.

Lo femenino en nosotros, una experiencia interminable

Resumen: La autora, a partir de las reverberaciones de los elementos comúnmente atribuidos a lo femenino – conteniendo, intuyendo, mediando y protegiendo –, aborda factores relacionados con el continente femenino (♀) y su función. Sugiere que el continente vivido por la experiencia madre / bebé inscribe psíquicamente elementos de apoyo / desamparo y necesidad / dependencia, fuertemente sujetos a aceptación y / o rechazo. Comienza a observar que la valorización centrada en la acción, en el hacer, en el contenido (♂), característica de la función masculina, es recurrente en la clínica, lo que dificulta el posible encuentro creativo entre ambos. Ve esta preocupación en Bion cuando señala que, en los eventos de oficina, antes de que ♀♂ pueda funcionar, es necesario encontrar el continente (♀). En el material clínico, contempla que “encontrar el continente” puede ser el trabajo femenino a realizar, con todos los elementos que ese movimiento requiere, siempre dinámico, interminable y renovable, un eterno devenir.

Palabras clave: femenino, impotencia, interminable, continente, identificación primaria

The feminine in us, an endless experience

Abstract: The author, based on reverberations of the elements commonly attributed to the feminine – containing, intuiting, mediating, and protecting – approaches factors related to the feminine continent (♀) and its function. She suggests that the continent lived by the mother/baby experience psychically inscribes elements of support/helplessness and need/dependence, strongly subject to acceptance and/or rejection. She begins to observe that the valorization centered on action, on doing, on content (♂), characteristic of the male function, is recurrent in the clinic, which hinders the possible creative encounter between the two. She sees this concern in Bion, when the psychoanalyst points out that in office events, before ♀♂ can work, it is necessary to find the continent (♀). Using clinical material, she contemplates that “finding the continent” can be the feminine work to be carried out, with all the elements that such a movement requires, always dynamic, endless, and renewable, an eternal coming-to-be.

Keywords: feminine, helplessness, endless, continent, primary identification

Le féminin en nous, une expérience interminable

Résumé : Fondée sur des réverbérations des éléments communément attribués au féminin – contenir, avoir de l'intuition, arbitrer et protéger –, l'autrice aborde les facteurs liés au continent féminin (♀) et à sa fonction. Elle suggère que le continent vécu par l'expérience mère/bébé inscrit psychiquement des éléments de soutien/abandon et de besoin/dépendance, fortement soumis à l'acceptation et/ou au rejet. Elle observe que la valorisation centrée sur l'action, sur le faire, sur le contenu (♂), caractéristiques de la fonction masculine, c'est récurrent dans la clinique, ce qui entrave la rencontre créative possible entre les deux. Elle constate chez Bion une préoccupation liée à cet aspect-là, lorsqu'il souligne que dans les événements du cabinet, avant qu'il ♀♂ puisse fonctionner, il faut trouver le continent (♀). Par l'intermédiaire du matériel clinique, elle démontre que, trouver le continent peut être le travail du féminin qui doit être accompli avec tous les adversités qu'un tel mouvement demande, c'est-à-dire, un travail toujours dynamique, sans fin et renouvelable : un éternel devenir.

Mots-clés : féminin, abandon, interminable, continent, identification primaire

Referências

- André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade* (V. Ribeiro, Trad.). Zahar.
- Bick, E. (1990). A experiência da pele em relações de objeto arcaicas. In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein hoje* (B. H. Mandelbaum, Trad., Vol. 1, pp. 194-198). Imago. (Trabalho original publicado em 1967)
- Bion, W. (2004). *Elementos de psicanálise* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Birksted-Breen, D. (1996). Phallus, pênis e espaço mental. *Livro Anual de Psicanálise*, 12, 99-106.
- Birman, J. (2001). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Civilização Brasileira.
- Carneiro, C. A. & Lazzarini, E. (2016). Origens e destinos da feminilidade em Freud e na contemporaneidade. *Alter*, 32(2), 203-215.
- Ferenczi, S. (2011). Transferência e introjeção. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, Trad., 2ª ed., Vol. 1, pp. 88-123). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1908-1912)
- Freud, S. (1996). Carta 52. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, p. 281-287). Imago.
- Freud, S. (2010). A feminilidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 113-134). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2012). A organização genital infantil. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 168-175). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2017). *Manuscrito inédito de 1931* (E. V. K. P. Susemihl, Trad.). Blucher.

- Freud, S. (2018). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19, p. 274-326). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)
- Klein, M. (1996a). Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivos. In M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein* (A. Cardoso, Trad., Vol. 1, pp. 304-329). Imago. (Trabalho original publicado em 1935)
- Klein, M. (1996b). Estágios iniciais do conflito edípico. In M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein* (A. Cardoso, Trad., Vol. 1, pp. 214-227). Imago. (Trabalho original publicado em 1928)
- Klein, M. (1996c). O luto e suas relações com os estados maniaco-depressivos. In M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein* (A. Cardoso, Trad., Vol. 1, pp. 388-412). Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- Paim Filho, I. & Quadros, V. (2008). A guerra e o repúdio ao feminino: Troia como paradigma. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(4), 99-109.
- Stoller, R. (1985). *Masculinidade e feminilidade: apresentações do gênero* (M. A. V. Veronese, Trad.). Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1975). A criatividade e suas origens. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trad., pp. 95-120). Imago. (Trabalho original publicado em 1953)
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (D. Bogomoletz, Trad., pp. 399-405). Imago. (Trabalho original publicado em 1959)
- Wolff, M. (2009). Reflexões sobre o feminino. *Jornal de Psicanálise*, 42(77), 157-165.

Recebido em 5/4/2021, aceito em 21/10/2021

Cleuza Mara Lourenço Perrini
cleuzaperrini@gmail.com